

É:

Revista
**Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137
Número XXI
Volume 3
dezembro de 2018



PERSPECTIVAS SOBRE A FILOSOFIA
DA LINGUAGEM NA IDADE MEDIA:

O Segundo Renascimento

Revista do Departamento de Filosofia da
Universidade Federal de Juiz de Fora





UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Marcus Vinicius David – Reitor
Girlene Alves da Silva – Vice-reitora

Instituto de Ciências Humanas
Robert Daibert Júnior – Diretor
Leonardo de Oliveira Carneiro – Vice-diretor

Departamento de Filosofia
Juarez Gomes Sofiste – Chefe de Departamento
Humberto Schubert Coelho – Coordenador do Curso
Paulo Afonso Araújo – Coordenador do PPG em Filosofia
Antônio Henrique Campolina Martins – Diretor da Revista

Faculdade de Direito
Aline Araújo Passos – Diretora
Luciana Gaspar Melquíades Duarte – Vice-diretora
Vicente Riccio Neto – Coordenador do PPG em Direito e Inovação

É:
**Revista
Ética e
Filosofia Política**

ISSN: 1414-3917
e-ISSN: 2448-2137

Comissão executiva

Antonio Henrique Campolina Martins – Editor
Marcos Vinicio Chein Feres – Co-Editor
Clinger Cleir Silva Bernardes – Editoração Eletrônica
Conrado Jenevaim Braga – Secretário

Conselho Editorial

Antonio Cota Marçal (PUC-MINAS)
Boghos Levon Zekiyani (Università Ca' Foscari, Venezia)
Bruno Amaro Lacerda (UFJF)
Clinger Cleir Silva Bernardes (IFES)
Débora Mariz (UFMG)
Emmanuel Bermon (Université Bordeaux-Montaigne)
Fábio Caputo Dalpra (IFSULDEMINAS)
Fábio Fortes (UFJF)
Germán Martínez (Fordham University, NY)
Gustavo Arja Castañon (UFJF)
Humberto Schubert Coelho (UFJF)
Isabelle Bochet (Institut Catholique, Paris)
Luciano Caldas Camerino (UFJF)
Luciano Donizetti da Silva (UFJF)
Luís Henrique Dreher (UFJF)
Manoela Roland Carneiro (UFJF)
Nathalie Barbosa de La Cadena (UFJF)
Pedro Calixto Ferreira Filho (UFJF)
Pedro Henrique Barros Geraldo (Universidade de Montpellier)
Paulo Afonso Araújo (UFJF)
Ronaldo Duarte da Silva (UFJF)
Wolfram Högbe (Universidade de Bonn)

Sumário

Editorial <i>Pedro Calixto Ferreira Filho</i>	1
Artigos	
Ainda sobre a equivocidade de “substantia” e “subsistentia” no <i>Contra Eutychen et Nestorium</i> de Boécio <i>Fabício Klain Cristofolletti</i>	7
O papel do discurso filosófico na interpretação religiosa: Notas sobre a linguagem no <i>Fasl-al maqal</i> de Averróis. <i>Arthur Klik de Lima</i>	23
<i>Abstractio</i> Metafísica X <i>Separatio</i> em Tomás de Aquino <i>Marco Aurélio Oliveira da Silva</i>	45
Aspectos da proposta de Sigério de Brabant contra a “distinção real”: o argumento semântico <i>Luiz Fernando Pereira de Aguiar</i>	57
Ockham comentador de Porfírio: sobre a metafísica na Querela dos Universais. <i>Carlos Eduardo de Oliveira</i>	80
Uma nota sobre uma teoria medieval acerca de inexistentes <i>Ernesto Perini-Santos</i>	109
“No princípio, acima de todo conceito, está sempre a palavra” - Doutrina trinitária, nascimento do logos e teoria da linguagem em Meister Eckhart <i>Matteo Raschiatti</i>	129
Tomás de Mercado e a recepção da Lógica de Pedro Hispano <i>Alfredo Culleton</i>	153
Trovador contemporâneo <i>Janaína</i>	163

Editorial

PERSPECTIVAS SOBRE A FILOSOFIA DA LINGUAGEM NA IDADE MEDIA: O SEGUNDO RENASCIMENTO

APRESENTAÇÃO

As três escolas mais importantes do século XII na latinidade (Escola de Chartres, Escola Claustral de Saint Victor e a Escola Abelardiana) têm como característica principal um interesse crescente pelas artes do *trivium* (gramática, dialética e retórica). Esse evento denota uma evidente atração por questões relativas às artes da linguagem que, no cruzamento com a redescoberta do pensamento aristotélico, vai favorecer reflexões originais e profundas quanto à essência da linguagem.

Assim, para melhor entendermos a direção que tomarão as discussões lógico-semânticas que encontraremos na Escolástica, se faz indispensável medir a influência que exerceu Boécio e a influência árabe sobre a filosofia latina posterior no quesito da linguagem. Para tanto, o leitor contará com as investigações preciosas dos professores Fabrício Klain Cristofolletti e Arthur Klik de Lima. Com efeito, em seu artigo intitulado “Ainda sobre a equívocidade de “*substantia*” e “*subsistentia*” no *Contra Eutychen et Nestorium* de Boécio”, Fabrício Klain Cristofolletti sustenta uma tese inédita, através de uma análise semântica que afirma que Boécio reduziu os significados de “*substantia*” ao conceito de substrato particular que contém acidentes. No

entanto, o significado de “*subsistentia*” mantém uma certa equívocidade podendo remeter ora ao que é universal, ora ao que é um substrato particular sem necessidade de acidentes para ser o que é. Enfim, tal equívocidade provém, segundo o autor, do verbo “*subsisto*” e “revela justamente a intenção boeciana de utilizá-lo para mostrar a necessidade de certa correspondência entre os domínios do ser e da inteligência”.

Esse debate ontológico e epistemológico que coloca em jogo o campo semântico envolvendo conceitos fundamentais como ser, substância, subsistência e universal receberá um novo fôlego com o segundo renascimento. Este último transmite uma série de questões metafísicas e teológicas que terão como horizonte e suporte a concepção propriamente aristotélica da linguagem filosófica, a saber, o discurso demonstrativo. O professor Arthur Klik de Lima nos esclarece quanto à função do discurso filosófico na interpretação religiosa em suas “Notas sobre a linguagem no *Fasl-al maqal* de Averróis”. Existe a possibilidade de harmonizarmos discurso teológico e discurso filosófico? Se for o caso, qual modalidade de linguagem seria mais apropriada? A tese que defende o autor é que para Averróis a demonstração diz a “realidade” do texto sagrado, ao passo que as demais modalidades permanecem na sua superfície, uma vez que o assentimento pela via retórica implica em mobilizarmos as paixões humanas.

Em seguida veremos que, além de estabelecer o domínio e o regime do discurso científico e revelado, o pensamento de Tomás de Aquino constitui um momento crucial de busca de fundamento para o edifício científico de sua época. Ora, como mostra com muita clareza o texto do Professor Marco Aurélio Oliveira da Silva intitulado “*Abstratio* metafísica x *separatio* em

Tomás de Aquino” a própria delimitação do objeto da metafísica passa por uma distinção semântica não somente quanto à noção de ente e essência, como estamos habituados, mas, sobretudo, por uma análise das noções de *abstratio* e *separatio*. O objeto próprio da metafísica segundo Tomás de Aquino é o ente enquanto ente, ou ente comum, mas, interroga o autor, como obtemos esta noção de ente comum? Essa dificuldade surge da leitura do texto de Tomás de Aquino e do comentário de Cajetano: Seria a noção de ente comum obtida por um grau mais elevado de ‘abstração formal’ ou seria o objeto da metafísica obtido por um ato judicativo denominado “separação”?

No entanto, a fundação da ciência suprema exige o estabelecimento de um jogo de linguagem onde a precisão dos termos representa um momento crucial. Essa precisão passa também por uma ruptura radical para com a interpretação platonizante de Aristóteles (Avicena e Alberto Magno). Para isso, faz-se urgente um aprofundamento da distinção real entre os conceitos de ser e essência mobilizando agora a causalidade aristotélica. Com intuito de esclarecer esse momento crucial da constituição de uma língua depurada da metafísica futura, Luiz Fernando Pereira de Aguiar, em sua contribuição sobre os “Aspectos da proposta de Sigério de Brabant contra a “distinção real”: o argumento semântico.” faz uma análise minuciosa dos argumentos de Sigério de Brabant contra a distinção real entre ser e essência. Ele revela que a estrutura dos argumentos de Sigério constitui uma refutação da distinção real. A compreensão da proposição “*res est ex seipsa*” e do termo “*ex*” são essenciais nesse momento da refutação. Poderia algo ser a partir de si mesmo, ou seja, a partir de sua essência? Seria necessário um primeiro princípio como doador do ser? Como demonstra o autor,

a semântica será a chave para a solução dessas questões fundamentais. Questões cuja tecnicidade não deve esconder o fato de que nos situamos num momento importante da constituição de um jogo de linguagem que dá progressivamente uma autonomia ao ser e, conseqüentemente, ao saber, preparando, assim, os alicerces do pensamento moderno.

A filosofia surgiu e ainda subsiste, segundo Husserl, graças a uma questão aparentemente banal: O que é? A resposta a essa questão orientou as indagações filosóficas da antiguidade em direção da quiddidade, da essência, e deu origem a uma das mais sofisticadas redes, a árvore de Porfírio, em cuja base encontramos os conceitos platônico-aristotélicos de espécie e gênero. No entanto, qual é o estatuto ontológico das espécies e dos gêneros tradicionalmente chamados de universais? Não seriam eles meramente *flatus vocis*, isto é, uma pura emissão fonética? “Ockham comentador de Porfírio: sobre a metafísica na Querela dos Universais”, artigo do professor Carlos Eduardo de Oliveira, evidencia o quanto o conceito de signo, um elemento constitutivo da linguagem, torna-se central na solução de Guilherme de Ockham à querela dos universais. O professor argumenta que as questões quanto ao estatuto dos universais levantadas por Porfírio e deixadas em aberto em sua *Isagoge* têm como pressuposto, segundo Ockham, a tese metafísica que defende a singularidade de tudo o que existe. Segue-se daí a impossibilidade da existência extramental dos universais e, sobretudo, que os universais são signos, cuja função é a organização de nosso mundo interior. No entanto, qual o fundamento ontológico da semelhança que nos permite engendrar essa rede semântica? Qual o fundamento do caráter naturalmente comum do próprio signo universal?

Em “Uma nota sobre uma teoria medieval acerca de inexistentes”, o professor Ernesto Perini-Santos se interroga sobre a modalidade necessária de significação quando se trata de seres contingentes. Dando continuidade e radicalizando as conclusões do artigo que apresentamos anteriormente, ele faz uma investigação quanto aos fundamentos da possibilidade de um signo significar algo que não possui existência extramental, um inexistente. Para tal, ele faz uma análise minuciosa de algumas soluções medievais do sofisma *’omnis homo de necessitate est animal’* mostrando que o ser da essência (*esse essentia*) que é distinto do ser efetivo (*esse actuale*) admite apenas propriedades necessárias. Num diálogo acirrado com as teorias meinonguianas acerca da significação do não ser, ele apresenta com rigor a demonstração das diferentes motivações das respostas dadas pela filosofia medieval, a saber: As diferentes versões do *ens intentionale*, ou *ens diminutum*, servem à explicação da intencionalidade e postulam um ser dependente da mente; Quanto ao *esse essentiae*, sua existência é geralmente concebida como independente da mente e, enquanto tal, constitui um instrumento da distribuição correta de valores de verdade para sentenças sobre inexistentes, sobretudo nas asserções necessárias significando contingente. O artigo atinge com excelência seu propósito que é de ser mais uma janela de entrada no fascinante mundo dos sofismas medievais.

E se, finalmente, transcendêssemos toda contingência, toda finitude e buscássemos o fundamento absolutamente original da linguagem? O que encontraríamos efetivamente nas profundezas do *logos*, isto é, da palavra, do discurso, da ciência, da razão? Não seria a linguagem, em sua forma mais originária, a expressão de um poder criador? Experiência do princípio como

o *ubi* ou *locus omnium*, eis o centro da teoria da linguagem de Mestre Eckhart segundo o professor Matteo Raschiatti. Com efeito, em seu artigo “*No princípio, acima de todo conceito, está sempre a palavra*”, compreende-se que o princípio é o próprio *logos* que se anuncia e se exprime em cada palavra humana enquanto mundo das criaturas.

Este manancial de reflexões sobre a linguagem exerceu uma grande influência sobre o pensamento posterior. Como prova dessa influência apresentamos o artigo do professor Alfredo Culleton: “Tomás de Mercado e a recepção da Lógica de Pedro Hispano”. Segundo o autor, a obra lógica de Tomás de Mercado insere-se na melhor tradição escolástica, medieval e renascentista, recuperando autores clássicos e fazendo as devidas atualizações e ajustes aos fins pedagógicos sem perder o essencial da boa lógica que é o de ensinar a pensar corretamente em busca da melhor ciência.

Enfim, como a filosofia medieval é viva e presente mais do que supomos, concluímos este número especial dedicado à questão da linguagem na filosofia medieval com os ensaios poéticos intitulados “*Trovador contemporâneo*”. O anseio de toda palavra é se expressar e, se expressando, criar um mundo novo.

Pedro Calixto